

# EDITORIAL

# EDI

*O simpósio sobre "Aspectos Éticos da Reprodução Assistida", publicado neste número, enfoca um dos mais momentosos e importantes temas de discussão em bioética e no exercício da medicina. Raramente, outro tema poderá ser mais oportuno. Também, há de ser muito rara a oportunidade de reunir em uma publicação, autores da qualidade de Abdelmassih, Kottow, Segre, Schramm, Mori, como os demais que publicam aqui e que, certamente, não de manter a reputação de nossa revista.*

*As questões éticas ligadas à reprodução provocam as opiniões mais controversas, provindas e nutridas nas muitas concepções ideológicas e filosóficas sobre a condição humana e, por isso mesmo, sobre a ética. Ainda que a avaliação se limite aos recursos artificiais de promover a reprodução humana, mobiliza desde noções dogmáticas da ética sobrenaturalista, criacionista e fixista, até pontos de vista naturalistas e evolucionistas (sejam realistas ou materialistas) sobre a moral e a eticidade. O problema começa com a necessidade de determinar início da vida humana. Pode-se diagnosticar, com certa acuidade, o fim da vida de cada indivíduo humano, mas seu começo não pode ser identificado com a desejada exatidão, mesmo com os recursos científicos atuais. A rigor, a vida de cada vivente consiste na atualização de todas as vidas que lhe deram origem, tendo principiado em momento longínquo, no limiar inicial do processo evolutivo. Teve o seu começo com o aparecimento do primeiro ser vivo do qual vem a descender.*

*Quando se trata de cogitar sobre o início da vida humana deve-se considerar dois pontos de vista propedêuticos inconciliáveis: o criacionismo e o evolucionismo. Os criacionistas (sobretudo, fixistas) crêem que a espécie humana teria sido criada por alguma divindade e que suas características humanas mais essenciais lhe teriam sido*

## EDITORIAL

# EDITORIAL

*dadas nessa criação; que, num processo que chamam animação, cada criatura seria dotada por Deus de uma alma imortal, que lhe teria sido impressa em um momento mais ou menos precoce de sua existência; que o corpo material seria apenas um veículo transitório da alma sobrenatural, que se confundiria na essência do indivíduo, da pessoa e da personalidade.*

*Contrariamente, o evolucionismo inicia com a hipótese (não desmentida e com crescente evidência científica de verossimilitude) de que a humanidade teria aparecido na terra como desenvolvimento natural da matéria organizada; que seu corpo e sua mente conformariam uma totalidade existencial; que cada indivíduo, em sua ontogênese, primeiro imitaria as etapas de sua filogênese; depois, emergiriam e se desenvolveriam suas características especificadoras e individualizadoras para somente então, ao longo de sua experiência histórica, social e afetiva, fazer surgir suas características personificadoras.*

*De fato, entre nós, o problema conceitual mais importante neste tema, parece ser a influência da opinião sobrenaturalista, de jaez religioso e deísta, ainda que não ouse dizer seu nome ou proclamar sua origem. Mas que busca apresentar suas pressuposições como matéria científica ou racional. Algum dogma religioso existe subjacente a toda análise moral baseada na origem sobrenatural da humanidade. Na cultura ocidental, destaca-se a crença medieval da animação (incorporação da alma em cada ser humano individual) como marco inicial da personalidade. A isso soma-se o viés conceitual de identificar o aparecimento da humanidade (e o mecanismo condicionador de sua emergência) com o início da vida de cada indivíduo humano. Diferentes tendências religiosas pretendem situar a animação em momentos diferentes da existência, mas todas confundem o surgimento do ente genérico (a humanidade) com o aparecimento de cada indivíduo da espécie. Confundindo individualização, humanização, hominização e personificação.*

*Como não existe universalidade nas significações e nos sentidos desses termos, imitando Sócrates, Platão, Descartes e Politzer, pode ser recomendável que se defina o significado com que se pretende usar algumas expressões. Principalmente porque dessa significação derivam implicações morais prementes sobre aborto, clonagem e outras aplicações dessa tecnologia.*

*Ser humano. Conceito de elemento, um espécime da espécie Homo sapiens. Expressão que pode abranger três noções que costumam ser confundidas, apesar de corresponderem a coisas diferentes: a noção de indivíduo humano e a idéia de pessoa e o sentido de sujeito (ou Homem, assim com maiúscula).*

## EDITORIAL

# EDITORIAL

*Indivíduo e individualidade. Na linguagem das ciências humanas denomina-se indivíduo a um ser diferenciado dos demais por ter vida separada ou por ostentar características ou atributos que o assinalem como ente separável dos demais; como uma unidade estrutural ou funcional específica em relação às demais de sua espécie; um espécime da espécie. A singularidade (que implica em unidade e totalidade) configura a característica mais essencial da individualidade. Pode-se considerar como indivíduo qualquer coisa ou qualquer ser, de qualquer modalidade, qualidade ou espécie, desde que seja singular. Por singularidade, entende-se a qualidade daquilo que tem unicidade e totalidade, que é singular, único, diferenciável e distinguível de tudo o mais que existir. Parece fácil sustentar o início da individualidade de um ser vivo sexuado na concepção, que reside na síntese dos gametas feminino e masculino e na configuração do ovo. Os gametas são uma extensão das vidas dos seres que os produziram. Não são aqueles seres em apenas um produto seu. São extensões suas, indivíduos humanos potenciais. Potencialmente pessoas. Ainda não têm personalidade.*

*Pessoa e personalidade. O conceito de pessoa, ao menos neste sentido psicológico e antropológico com o qual está sendo aqui utilizado, deve ser tido por mais amplo e conter o de indivíduo. A vida do indivíduo começa antes da existência da pessoa e continua nela. Mesmo originada no indivíduo tal como o indivíduo se origina do óvulo e do espermatozóide, a emergência da pessoa só se dá com o início da formação do sistema nervoso, a característica que marca o aparecimento da existência pessoal, que só se completa com a configuração total do cérebro humano. Por isso, independente de quaisquer preconceitos religiosos, pode-se considerar um feto descerebrado como uma não-pessoa, a despeito de reconhecer sua individualidade humana.*

*Persona e personalidade. O termo personalidade não tem conceituação aceita por todos. Principalmente quando abriga sentido mais antropológico e político que psicológico. E por isto, muito sujeito à contaminação ideológica e às influências da visão de mundo de quem a emprega. Apesar das diferenças de opinião, é possível considerar a personalidade como a síntese dos traços psicológicos caracteristicamente humanos e das características estáveis da forma de uma pessoa se relacionar com as demais, com a sociedade e consigo mesma. A exigência conceitual de traços psicológicos estruturados e conduta social adaptativa indica um ente humano que se inicia com a formação do córtex do encéfalo, mas que aponta para uma estrutura nervosa superior desenvolvida. O que só vem a se concretizar com a maturação biológica do encéfalo e com a maturidade psicossocial da pessoa. O aparecimento da personalidade se dá em um longo processo, cujo início é a mielinização do sistema nervoso e que só se completa quando duas metas são atingidas: uma*

## EDITORIAL

# EDITORIAL

*biológica, a maturação (termo da mielinização), e outra psicossocial, a maturidade (capacidade de exercer autonomia na sociedade em que vive). A personalidade engloba tudo o que é tipicamente humano (ainda que desenvolvida por aprendizagem ao longo da trajetória evolutiva a partir de características biológicas herdadas dos antepassados). Da noção de personalidade se origina a concepção de sujeitividade.*

*Sujeito e sujeitividade. A pessoa pode ser definida como indivíduo com personalidade e dignidade; o sujeito pode ser definido como pessoa no exercício de sua vontade, na direção de sua vida social e na construção de sua biografia. A voluntariedade (vontade, conação ou intencionalidade) é a marca característica ou essencial do que poderia, neologizando, denominar como sujeitividade. O sujeito, que teve sua gênese no início das vidas das quais se originou, que passou pelo estágio de indivíduo humano, que adquiriu personalidade na configuração anátomo-fisiológica humana, que passou a existir como personalidade com a funcionalidade do sistema nervoso central, só completa sua sujeitividade com a maturação nervosa e a maturidade psicossocial. Individualidade, pessoalidade, personalidade e sujeitividade são fases na existência humana, cada uma com seus marcos iniciais e com características mais ou menos definíveis de completude existencial. O inaugurar da cidadania em cada pessoa é a dimensão política de manifestação da sujeitividade, que é convencionalmente assinalada pela idade em que uma personalidade assume a plenitude de seus direitos políticos e civis.*

*No entanto, um importante problema conceitual nessa matéria, parece ser o imaginar a estruturação de cada ente humano (e, até, da humanidade) como um ato instantâneo ou um processo. O primeiro, imediatista, imagina toda a humanização (e até a hominização) como fruto de um instante, um átimo temporal. O que significa pretender que o ser humano individual, a pessoa e a personalidade seriam uma só coisa e surgiriam em um instante; em um só instante, como uma reação química imediata, um milagre, um passe de mágica ou uma criação súbita. Ao contrário, para quem é mediatista, tais etapas se configuram como processos e desenvolvimentos (no sentido jasperiano) que, embora marcados por momentos iniciais diferentes, se superpõem e se interinfluenciam. Em geral, terminam todos com a morte do indivíduo, ainda que a descerebração possa, ocasionalmente, assinalar o fim da personalidade (e, ao menos para alguns, até da pessoalidade), apesar do indivíduo prosseguir vivendo vegetativamente.*

*Boa leitura.*